



Chrys Chrystello*

Quando os amigos mudam de dimensão

in memoriam Pedro Freitas (Peter para os amigos)



Ao longo de toda a vida nunca fui pessoa de muitos amigos, conhecidos aos montes, mas amigos foi sempre uma classificação restrita. Alguns desses amigos são-no, há décadas, herdados da diáspora em Timor, Macau, Austrália e outras paragens, e podem passar anos, dezenas deles, que a amizade nunca se esvai e os contactos se mantêm, mais ou menos fugazes consoante a vida de cada um.

Este ano, entre muitos outros que se foram, fui particularmente tocado pela passagem a outra dimensão do meu mentor Malaca Casteleiro, do Leonel Batalha ex-secretário do Consulado-Geral em Sydney mais pai que ex-sogro e agora o Peter.

Tenho perante a morte uma atitude filosófica muito oriental

A passagem terrena é curta e o melhor a fazer é aproveitá-la bem, enquanto cá se anda. Nunca se sabe quando chega o prazo de validade de cada um.

A quantidade de horas desperdiçadas em guerras, desentendimentos, amuos é enorme, considerando o já imenso tempo malbaratado a dormir e noutras atividades sem impacto na marca terrena que cada um pensa deixar. Disto é feita a matéria humana. Quem era eu, para endireitar o mundo? Já deixara de o fazer há mais de uma década. A morte, como já escrevi, por diversas ocasiões e formas, é uma noção tabu na sociedade ocidental. Não se prepara para ela nem se aceita livremente quando chega. Preferia uma maneira de ser e de estar mais em conformidade com os ritos orientais. Toda a vida é experimentada tendo em mente que a morte é o passo seguinte, o fim, o objetivo primário. A vida é a fase transiente e passageira, e não um desfecho em si. Apenas a curta etapa da passagem por este orbe que diariamente os humanos destroem.

O Peter foi um dos meus primeiros chefes na Emigração, Serviço de Interpretes pelo Telefone (TIS) nos idos de 1984, nativo da Madeira crescido em Moçambique falava fluentemente dez línguas entre as quais russo e grego e apoiou-me na entrada para a função pública australiana onde me radiquei no Ministério do Emprego e Relações Industriais, como se chamava então.

Mantivemos sempre contacto e foi parceiro de incontáveis jogos de pingue-pongue, que detestava perder contra mim e o meu amigo angolano Jacko (então acabado de chegar à Austrália). Foi durante alguns anos, Conselheiro das Comunidades Portuguesas, mas muito crítico do papel que essa entidade tinha e que ele acusava de nada servir, pois os governantes nunca seguiam as indicações dos emigrantes.

Tal como eu tinha alguns casamentos falhados e pelo menos dois filhos que me lembre, que eram a sua maior alegria. Esta amizade de 40 anos manteve-se, e era um dos poucos e fieis leitores destas minhas crónicas, sempre me incentivando, comentando "acertaste na mouche", "que nunca te doam as palavras" e comentários semelhantes. Quando fui casar a Sydney em 1996 foi-se despedir de mim ao aeroporto à área reservada dado seu estatuto de funcionário muito sénior da Emigração e não nos tornámos a ver. Há dias enviei-lhe votos natalícias e hoje, em resposta sei que se passou para o lado de lá, onde estou certo continuará a ler as minhas crónicas. Obrigado Peter pela tua amizade

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 [Australian Journalists' Association MEAA]

Cáritas de São Miguel e da Terceira apoiam mensalmente cerca de cinquenta famílias



Cinquenta famílias estão a receber apoio regular da Cáritas da Ilha Terceira e da de São Miguel através de cabazes alimentares mensais e do pagamento de despesas, como rendas de casa, electricidade e gás, 25 das quais ao abrigo do programa nacional Heróis

Doar.

Este programa nacional, a que a Cáritas Diocesana também acede, visa acudir a situações de desemprego ou insuficiência de recursos financeiros, decorrentes da pandemia e destina-se a disponibilizar verbas para fazer face às

despesas mensais dos agregados familiares. Em entrevista ao Igreja Açores a Directora da Cáritas Diocesana, Anabela Borba, afirmou que há cerca de 25 famílias a serem ajudadas pela Cáritas a que se juntam outras tantas que recebem um apoio mensal por parte da Cáritas de São Miguel, numa parceria com o Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

"Este é um apoio regular da Cáritas de São Miguel a estas famílias", mas "estamos prontos também, dentro da nossa disponibilidade, a acudir à comunidade de Rabo de Peixe, na sequência da pandemia" referiu ao Igreja Açores o presidente, José António Gomes.

"Nós já estamos a apoiar no terreno esta população fortemente afectada pela Covid, nomeadamente através da prestação de serviços de lavandaria e desinfectação de vestuário", precisou o dirigente. Mas, na maior ilha do arquipélago, neste tempo de pandemia as

atenções da instituição católica têm-se centrado nos sem-abrigo.

A instituição dispõe de instalações para acolher diariamente os sem-abrigo e pessoas com dependências e, na verdade, com esta situação pandémica houve que proceder "a uma reorganização interna de forma a evitar os contágios", disse ainda José António Gomes.

"Temos colaborado intimamente com a Direcção Regional da Solidariedade Social e também com a da saúde pois trata-se de uma situação que exige medidas reforçadas de controlo da transmissão da doença", referiu ainda, sublinhando que o apoio tem sido ao nível do alojamento mas também da alimentação.

Os números de novas situações de carência, decorrente da pandemia, embora não sejam tão dramáticos como no território continental já começam a ser expressivos e mais casos poderão surgir, referem os responsáveis.